



## CURRÍCULO E COTIDIANO: EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E VISUALIDADES

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira  
pinferreira@unb.br  
Universidade de Brasília

ISSN 2316-6479

### Resumo

Apresento uma experiência vivenciada em sala de aula com alunos do curso de licenciatura em artes visuais da Universidade de Brasília e, também, reflexões e inquietações em torno da minha prática docente em relação aos estudos sobre o currículo e o cotidiano. Tanto as experiências vivenciadas em sala de aula, como as reflexões sobre ser professor, estão contribuindo para subsidiar a pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

**Palavras-chave:** currículo, cotidiano, prática educativa, artes visuais

### Abstract

I introduce an experience in the classroom with students of visual arts degree from the Universidade de Brasília and also thoughts and concerns about my teaching practice in relation to studies on the curriculum and daily life. Both experiences in the classroom, such as reflections on being a teacher, are helping to support the doctoral research which is being held at the Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

**Keywords:** curriculum, daily, educational practice, visual arts


### As experiências vivenciadas

Este texto tem por objetivo apresentar uma segunda experiência vivenciada em sala de aula com alunos do curso de licenciatura em artes visuais da Universidade de Brasília<sup>1</sup> e, também, contribuir para as reflexões e inquietações em torno da minha prática docente. Esclareço que, tanto as experiências vivenciadas em sala de aula, como as reflexões sobre ser professor, estão contribuindo para subsidiar a pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Esta segunda experiência que apresento tem por objetivo contextualizar um episódio ocorrido no primeiro semestre de 2010, ano no qual iniciei minhas

---

1 Cabe acrescentar que a primeira experiência vivenciada com os alunos do curso de licenciatura em artes visuais da Universidade de Brasília foi apresentada no IV Seminário de Arte e Cultura Visual com o título: "Quando o Gagaísmo entrou em sala de aula".



atividades em sala de aula no departamento de artes visuais da UnB. Acrescento que, esta experiência assim como outras que vieram posteriormente, serviram para assegurar minha busca pelo magistério superior como campo de atuação no qual a satisfação e o reconhecimento da prática educativa são de extrema relevância.

Ao trazer esta narrativa relacionada com uma das experiências oriundas da minha prática docente, pretendo refletir sobre as inquietações, angústias e questões que permeiam o contexto do currículo e do cotidiano no âmbito da formação de professores em artes visuais.

Estas inquietações também permeiam caminhos constituídos por desafios, especialmente, no momento em que determinadas escolhas são tomadas. Estas escolhas refletem, especificamente, os entrecruzamentos entre o que tradicionalmente denominamos de Arte e o vasto e heterogêneo campo da Cultura Visual, onde as visualidades cotidianas ganham sentidos e significados a partir de propostas pedagógicas que norteiam o contexto da formação de professores em artes visuais.

Percebo que determinadas escolhas, como por exemplo, a que pontua este texto relacionada com o contexto da teoria e prática, envolve também uma tomada de posição acerca da postura docente, do currículo e do cotidiano presente no espaço da sala de aula. Esta observação surge, justamente, a partir do exercício da prática docente e da reflexão em relação às escolhas que tenho feito para atender determinadas disciplinas do currículo de Artes Visuais. Essas escolhas e caminhos didáticos desenvolvidos ao longo da experiência como Professor no Curso de Licenciatura em Artes Visuais têm produzido significativa reformulação e deslocamento de conceitos, mobilizando-me para aprofundar esses estudos e pesquisas no curso de doutorado.

Ao receber a disciplina “Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte”, para lecionar, me deparei com um grande desafio, sobretudo, no aspecto da relação entre teoria e prática, pois grande parte da turma era composta de alunos da licenciatura e outra parcela menor era de alunos do bacharelado. Desse modo, minha decisão em torno da elaboração do plano de curso deveria contemplar aspectos da teoria da arte e da prática educativa? Como possibilitar conhecimento sobre teoria, crítica e história da arte sem perder o foco no processo formativo voltado para as práticas educativas? Como compartilhar com esses alunos uma visão teórica e ao mesmo tempo prática? Uma apresentação de seminário em torno da teoria e crítica da arte possibilitaria expandir para vivências do processo de ensino e aprendizagem em artes visuais? Estas foram questões importantes e definidoras para a apresentação de propostas que colocassem em voga o

questionamento sobre o papel da teoria, da crítica e da história da arte no campo da prática educativa.


### **A teoria e a prática educativa como experiência**

Para localizar de forma mais contundente as experiências e vivências que tenho experimentado na prática docente, apresento ao leitor a narrativa em torno da apresentação de um dos grupos formados na disciplina “Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte”, com o qual pude perceber a importância, o sentido e o significado das visualidades do cotidiano.



Figura 1: Escultura de John Lennon no campus da UnB

Era maio de 2010, noite de quarta-feira, dia específico para mais uma apresentação de seminário destinado às pesquisas relacionadas com as manifestações artísticas espalhadas no contexto da malha urbana do Distrito Federal. Cabia a cada grupo escolher uma obra e realizar uma pesquisa de campo com objetivo de coletar fotos, vídeos e entrevistas sobre o objeto escolhido pelo grupo. Neste dia, especificamente, o grupo de alunos teve o interesse na pesquisa acerca da escultura de John Lennon, que fica situada no campus da Universidade de Brasília, próximo ao Restaurante Universitário. De antemão, os alunos que integravam o grupo vieram perguntar se poderiam fazer o trabalho sobre este objeto. Se a mesma poderia ser considerada uma “obra de arte”, ou se a mesma estaria “enquadrada” no tipo de objeto considerado manifestação artística inserida na malha urbana. Ora, a pergunta reflete justamente o processo de incerteza, quando precisamos denominar e legitimar determinados objetos, imagens e visualidades que circulam em nosso cotidiano a partir de conceitos



e categorias que permeiam o universo dos objetos da arte, das imagens e visualidades contemporâneas.

Tranquilei o grupo e comentei que seria extremamente interessante estudar algo que estivesse tão próximo e ao mesmo tempo tão distante deste universo de legitimação, em torno do que consideramos arte, objeto ou mesmo manifestação artística inserida na malha urbana. Evidentemente, o interesse do grupo pelo estudo da escultura residia, em particular, na curiosidade em saber o quê a escultura de John Lennon fazia no campus da UnB e, conseqüentemente, quais seriam as implicações acerca da sua imagem. Um integrante do grupo, indignado exclamou:

- Tinha que ser a escultura de “Renato Russo”, ele sim morou aqui e merecia estar representado lá. Agora, pensa bem, o que tem haver John Lennon com a UnB, ainda por cima com a referência da música “Imagine”. Isso é coisa do Darcy...

Foi precisamente esta questão que motivou a vontade do grupo em relação à pesquisa, pois uma parte do grupo gostava do John Lennon e, logo, de suas músicas. A outra parte mostrava-se indignada com a valorização de outra cultura musical no território nacional.

Como esperado, no momento da apresentação do grupo, “quando finalmente John Lennon entrou em sala de aula”, o tempo esquentou, pois as apresentações tinham um caráter de surpresa. Cada grupo fazia certo mistério com o tema pesquisado. Os temas eram previamente conhecidos por mim, em virtude das orientações feitas no momento da pesquisa de campo. Desta vez não fui pego de surpresa<sup>2</sup>, ou seja, não houve a possibilidade de um “lennonismo” solto no ambiente da sala de aula de forma inesperada.


Ao apontar o título do trabalho: “A escultura de John Lennon no espaço da UnB” houve certo burburinho: Quem? O quê? John Lennon está na UnB? O grupo, então, pediu silêncio e iniciou a apresentação. Nesse momento, eu estava posicionado no fundo da sala para ver as projeções e avaliar o desempenho didático do grupo. Inesperadamente, um aluno comentou em voz baixa com outra aluna:

- Essa “coisa” que fica ali do lado do RU (Restaurante Universitário) e que todo mundo usa para fazer trote e outras brincadeiras e uma escultura famosa? Caramba!

Este exemplo foi um entre outros comentários que surgiram em sala de aula no momento da apresentação do grupo. O curioso é que este tipo de comentário advém

---

2 Quando me refiro ao fato da surpresa, estou reportando-me para a experiência mencionada na nota 1, relacionada com o episódio do “Gagaísmo”, quando, realmente fui pego de surpresa, no sentido da expressão “gagaísmo”.



dos próprios discentes que estudam artes visuais. Imagine, então, o que pensa o público que circula na Universidade e observa e escultura de John Lennon?...

Durante a exposição os alunos apresentaram as entrevistas que foram realizadas no campus e foram interrogados por seus pares em sala de aula, sobretudo, pela escolha do objeto. O que havia de tão interessante para que o grupo tivesse interesse na pesquisa? As explicações circularam em torno das questões sociais, culturais e ideológicas relacionadas com a imagem do John Lennon e sua música “Imagine”. Outra questão relevante que surgiu era se a escultura possuía valor artístico, ou mesmo, se a pesquisa teria peso para o contexto da aula. Neste momento, fiz algumas considerações em relação aos conceitos de arte, crítica, escultura, estatuária, malha urbana, imagem e visualidade, com o objetivo de elucidar possíveis entendimentos equivocados e mostrar a importância do olhar para com os objetos que estão presentes em nosso cotidiano, em alguns casos, disfarçados, adulterados, ou mesmo, esquecidos no contexto da visualidade cotidiana.

Esta narrativa apresentada como mote para pensar, sobretudo, a dimensão das disciplinas de cunho teórico e como estas disciplinas podem ser pensadas, vem elucidar a relação entre teoria e prática. O meu objetivo, enquanto professor da licenciatura é possibilitar que o aluno reflita sobre a teoria, mas com uma aplicação de viés prático.

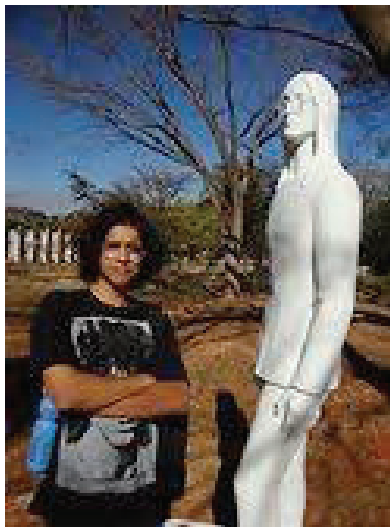
### **O cotidiano como experiência apaixonante**

Aprendi ao longo da minha trajetória como professor de artes, ainda, na educação básica que “o que acontece na escola pode ser apaixonante” (HERNÁNDEZ, 2007, p.15) e, pode também apaixonar professores e alunos pelo cotidiano da escola. No caso específico da narrativa apresentada no contexto da sala de aula, a paixão se dá pelo cotidiano da universidade. Dessa forma, fiquei por muito tempo refletindo sobre a minha prática docente e como a minha aula poderia “apaixonar” e fazer sentido na vida daqueles alunos, que daqui a algum tempo, estarão presentes nas salas de aula, possivelmente, na busca por despertar a mesma paixão nos seus futuros alunos.

Ao refletir sobre este episódio e tentar visualizar uma grande arena onde currículo e cotidiano sempre atuam, observo que há, em diferentes momentos, uma tendência a priorizar a dimensão teórica do currículo, sobretudo no ensino de 3º grau. Essa postura ocorre, no meu caso, em momentos no qual me vejo organizando um plano de curso, detalhando uma sequência de atividades, ou

mesmo, no espaço da sala de aula, onde o papel da teoria passa a ocupar um sentido específico para o curso.


Figura 2: Momento da pesquisa de campo



Ao elaborar o plano de curso para a disciplina de “Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte” precisei atentar para não ser fisgado pela teoria e, principalmente, não ser categoricamente “curricular” ao estabelecer “a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados” (SILVA, 2011, p. 12). Pois este, não era efetivamente o meu objetivo ao lecionar a disciplina. O meu objetivo era permitir o entendimento da “Crítica de Arte”<sup>3</sup> a partir de postulações que pudessem dialogar com proposições advindas das inquietações, dúvidas e questionamentos dos próprios discentes. Como também, permitir que os alunos pudessem observar o cotidiano da universidade, do seu bairro e a partir de referências visuais construíssem sentidos e significados para o contexto da sua formação como futuros professores.

Desse modo, estive atento para que na grande arena onde currículo e cotidiano sempre atuam, não houvesse vencedores. Sobretudo, no aspecto de sobreposições ou ditames de força e importância. Na concepção que tenho sobre currículo e cotidiano e a partir dos estudos que tenho realizado, passei a pensar o cotidiano como campo de experiências e vivências, como aquilo que nos é dado a cada dia, onde os episódios e narrativas do cotidiano possam estar mais próximos da intensidade da vida real, conforme assinala Certeau (1994).

3 “Crítica de Arte” foi o tema para o Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 2. Cada professor designado para lecionar esta disciplina define previamente o tema que irá abordar, por sugestão da Coordenação do Curso, ou por interesse particular do Professor. No meu caso, escolhi o tema em virtude da experiência como monitor na disciplina de Criteriologia, na época da minha formação na graduação em Licenciatura em História da Arte na UERJ.



Esta intensidade da vida real em relação ao cotidiano pode ser entendida na concepção de Certeau, como uma forma de trazer o cotidiano para mais próximo da vivência da vida real, efetivamente, para mais próximo da experiência que faz sentido e que agrega paixão. Acredito, que tudo aquilo que faz sentido, também colabora para fazer parte da vida do sujeito.

Neste caso, ao trazer a dimensão desse episódio e das questões relacionadas com o contexto da formação de professores em artes visuais, fica explícito que é na perspectiva dos estudos do currículo e do cotidiano, voltados para uma vertente emancipadora e transdisciplinar da educação da cultura visual, que busco subsídios para compreender o caminho e a construção social das inúmeras experiências, sentidos e significados relacionados com a visualidade cotidiana.

A narrativa apresentada surge como uma das experiências que tenho vivenciado no contexto da prática docente. Estas experiências têm contribuído para mapear e instigar reflexões em torno de temas e fatos pontuais, porém, repletos de referências e sentidos confrontados com certezas e dúvidas que habitam o meu processo contínuo de ensinar e aprender artes na perspectiva dos estudos em cultura visual.

As questões relacionadas com o contexto do ensinar e aprender artes, na perspectiva dos estudos em cultura visual, colocam em jogo inúmeros desafios, dentre eles estão às escolhas que precisamos fazer para atender demandas e expectativas em torno da formação discente e da prática docente. Esclareço que as questões em torno desses desafios da prática docente me acompanham há muito tempo. Pois, na minha concepção, ainda somos formados a partir de uma perspectiva modernista que estabelece e, de certa forma, nos impõe uma noção de autonomia e competência que se fundamenta na concepção da autoridade do professor como profissional que deve ser capaz de dar conta de tudo, de saber tudo.

Percebo, sobretudo, a partir das minhas experiências e vivências no contexto da educação, que o processo de ensino e aprendizagem modificou-se e ganhou significados que estão além dessa concepção modernista, da possibilidade de construir habilidade e domínio de um saber 'hegemônico' e legitimador. Acredito que somos aprendizes diários e, dentro ou fora da sala de aula, a cada momento podemos incorporar novos desafios do ensinar e aprender artes. Desafios estes que se revelam nas relações com o Outro, nos processos cotidianos, nas relações com os objetos, imagens e visualidades contemporâneas.

Penso que é no deslocamento de conceitos, especialmente, em relação aos conceitos sobre arte e imagem, que podemos avançar e compreender que o conceito de arte e imagem está relacionado com determinados paradigmas presentes na nossa formação, advindas da construção de um olhar hegemônico,

que em alguns momentos, não permite perceber e “reconhecer que são muitas as visões e versões de cultura e que elas têm grande alcance porque ampliam as possibilidades de relação e diálogo de alunos e professores com a arte, com a imagem e com a cultura” (MARTINS, 2006, p. 77).

Nesse sentido, e a partir da posição apresentada por Martins, acredito nas visões e versões de cultura e na sua relação com as experiências e vivências do cotidiano. Estas experiências e vivências é que permitirão repensar as visualidades cotidianas, além de possibilitar a ampliação do conceito de arte. Estas questões caracterizam-se como desafios para uma formação discente mais significativa, que pode ser ensinada e aprendida na perspectiva da educação em cultura visual como abordagem transdisciplinar e transmetodológica. A cultura visual pode auxiliar nossa compreensão sobre as potencialidades dessas imagens e visualidades que compõem o cenário contemporâneo. Assim, cabe ao professor, desestabilizar essas noções na expectativa de provocar mudanças e motivar os alunos a desenvolver uma atitude crítica para lidar com imagens e visualidades de um cotidiano cada vez mais “espetacularizado”.

Desta forma, a experiência apresentada no seminário sobre a escultura/ imagem de John Lennon, no campus da UnB, inaugurou no contexto da teoria da arte uma forma diferenciada de pensar e refletir sobre determinados objetos, imagens e visualidades presentes no contexto da malha urbana do Distrito Federal.




Figura 3: Detalhe da escultura de John Lennon

### **O currículo e o cotidiano como campo de experiências**

Assim, ao planejar minhas aulas, avalio a questão teórica e prática do processo de ensino e aprendizagem em artes visuais, com a preocupação de





trazer à dimensão do sentido e do significado do currículo e do cotidiano como campo de reflexão.


Ao propor o questionamento acerca das possibilidades curriculares em relação ao ensino de artes, provooco os alunos a pensarem sobre a amplitude dos processos de significação existentes para o repertório de imagens, que estão presentes no contexto da visualidade contemporânea. E, desse modo, estimo as interrogações, enfatizando determinadas questões: Quais seriam as possibilidades curriculares para pensar o processo do ensino de artes visuais? Como incorporar o cotidiano como vertente deflagradora de sentidos e significados no contexto do ensino de artes visuais?

É por estes e outros questionamentos, que coloco em sala de aula o desafio de pensar um currículo a partir de situações, histórias, experiências e diferentes modos de olhar e significar o cotidiano da sala de aula, todavia, porque “estamos vivendo em um novo regime de visualidades” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 25), o que comporta um novo modo de pensar a educação das artes visuais.

Foi justamente por considerar relevante o cotidiano como campo de experiências, que ao lecionar a disciplina de “Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte”, com ênfase na Crítica de Arte, propus uma dinâmica que pudesse contemplar ora o aspecto teórico acerca dos conceitos de arte, crítica e história, ora a dimensão prática através de pesquisa de campo. Portanto, os alunos poderiam escolher objetos, esculturas, monumentos e outras imagens do cotidiano, que estivessem relacionados com o conceito de manifestação artística e circunscritos no contexto da malha urbana para apresentar em forma de seminário para a turma.

De maneira especial, a experiência com a disciplina de “Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte” foi determinante para pensar nas relações entre currículo e cotidiano e, assim, mobilizar minha busca para o curso de doutoramento. Pois, promoveu o surgimento de inquietações em relação ao processo de ensinar e aprender artes, sobretudo, no contexto das visualidades do cotidiano.

Aos poucos me dei conta que, ao abrir espaço para o cotidiano, também abri espaço para o diferente, o inusitado e, acima de tudo, para o que não está definido a priori. Principalmente, ao “empreender a construção de uma epistemologia do cotidiano, capaz de traduzir e dar visibilidade a saberes encobertos” (BRETAS, 2006, p. 29) foi possível vivenciar uma experiência de mão dupla, no sentido da prática docente e da formação discente. Pois, ao agir desta forma, pude construir vertentes emancipadoras e, sobretudo, críticas para o âmbito do processo de formação de professores.



Desta maneira, percebo que ao abrir espaço para as experiências dos discentes em sala de aula, também abro espaço para o novo e, asseguro uma tomada de posição que privilegie a possibilidade de construção de conhecimento a partir de ideias, vivências e interesses que ganham sentido no cotidiano. Sem dúvida, quem ganha com tudo isso somos nós, docentes e discentes, que atuam na construção do conhecimento, nesse sentido “[...] é vital para a educação que estudantes e educadores conscientizem-se das maneiras e razões pelas quais são atraídos por um imaginário visual do cotidiano” (DUNCUM, 2002a apud DIAS, 2006, p. 106).


Nesta perspectiva, cabe pensar o cotidiano a partir de diferentes enfoques, sejam eles definidos a partir do conceito de arte, ou mesmo a partir de imagens e visualidades contemporâneas, o que vale é refletir como estas visualidades provocam atração e como somos atraídos pelo seu visual. Necessariamente, somos atraídos pelo repertório de sentidos e significados, que promovem um engajamento com novas proposições para o contexto do ensino de artes visuais. Principalmente, quando são abertas portas para ampliar o universo de propostas e caminhos, no sentido da busca pelo conhecimento e pelo desafio presente no cotidiano.

Incontestavelmente, cabe ao professor, desestabilizar falsas noções em relação ao que erroneamente conhecemos como conhecimento instituído e teórico, na expectativa de provocar mudanças e motivar os alunos a desenvolver uma atitude crítica para lidar com imagens e visualidades de um cotidiano “espetacularizado”.

Possibilitar o estudo de diferentes imagens e visualidades oferece ao processo formativo dos alunos uma desconstrução de valores que até então estavam circunscritos ao domínio do currículo. Abrir mão dessa postura coloca em questão que “os regimes de verdade que nos acompanharam e nos garantiram uma convivência amavelmente segura com as realidades do mundo, aos poucos foram sofrendo incontornável processo de esfacelamento.” (VICTORIO FILHO, 2008, p. 220).

Compreender como este processo de esfacelamento ocorre têm se tornado um desafio constante para o exercício da prática docente. Nos dias atuais, com a demanda pela exposição desenfreada de imagens que nos interpelam sem pedir licença, cabe refletir e argumentar do ponto de vista epistemológico o sentido e o significado que determinadas imagens exercem em sala de aula, sobretudo, tendo “como ponto de partida, que um currículo faz mais que representar o mundo das coisas. Ele fabrica, cria, inventa, produz o modo como as coisas são narradas, praticadas” (TOURINHO, 2009, p. 51).

Nesta nova tomada de posição, mesmo que cautelosa em relação às imagens e visualidades contemporâneas precisamos pensar o currículo como algo que possa, além de representar o mundo das coisas, possa permitir a



invenção, a criação e a fabricação de novas formas de narrar e compreender o mundo. Sobretudo, na dimensão da produção de significados, onde currículo, cotidiano e visualidades contemporâneas possam ser pensados como parceiros na construção de conhecimento.

### **Referências Bibliográficas:**

BRETAS, Beatriz. “*Interações cotidianas*”. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 29-42

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIAS, Belidson. “*Acoitamentos: os locais da sexualidade e gênero na arte/educação contemporânea*” In: *Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/FAV/UFG*. – V. 4, n.1 e 2 – Goiânia - GO: UFG, FAV, 2006, p.101-131

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TOURINHO, Irene. “*Currículo para além das grades: de porões a terraços, praças e jardins*” In: *VIS – Revista do programa de Pós-Graduação em Arte da UnB*, V.8, n.1, Jan./Jun. 2009, p. 49-59.

VICTORIO FILHO, Aldo. “*Estéticas nômades: outras histórias, outras estéticas, outros... ou o funk carioca: produção estética, epistemologia e acontecimento*” In: *Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/FAV/UFG*, V. 6, n.1 e 2 – Goiânia. p.213-229

---

### **Minicurriculo**

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística/História da Arte pela UERJ. É professor do Departamento de Artes Visuais da UnB. Atualmente exerce a função de Coordenador do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas/Noturno.